

ANCESTRALIDADE E EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA: ANÁLISE DAS RELAÇÕES ENTRE OSS DE IDENTIFICAÇÃO ÉTNICA E A ESCOLA DE SANTA TEREZA, QUILOMBO MATUPIRI, BARREIRINHA-AM

Meliane Rodrigues Gaia¹;Janete da Silva Santos²;João Marinho da Rocha³

*1.Acadêmica de sexto período de História. Universidade do Estado do Amazonas.
rodriguesmeliane@gmail.com 2. Licenciada em História. Professora da Semed da Cidade de Barreirinha.
matosaldenice@gmail.com 3.Professor do Curso de História. Universidade do Estado do Amazonas.
Jmrocha.hist@hotmail.com*

RESUMO:

Este texto é parte de um estudo que analisou as relações entre os processos de Emergências Étnica quilombola no rio Andirá, quilombo Matupiri, Barreirinha-AM, com destaque para a participação da escola Santa Tereza em tal processo. Essa emergência se configura a partir de uma construção da memória ancestral do cativo que se materializa nas inúmeras festas populares com intenso envolvimento da escola local. Situada no âmbito da História Cultural, foi pautada procedimentos da História Oral temática, onde as memórias dos sujeitos da escola registradas em áudio, transcritas, textualizadas e analisadas num diálogo com outras fontes, a exemplo de três monografias de conclusão de curso, relatórios e arquivos da escola, e de pesquisa de Iniciação Científica. Há forte participação da escola local nas festas, que varia entre os sujeitos da escola local (alunos – professores – serviços gerais) que remetem para uma construção da Identidade Coletiva quilombola no Matupiri. A escola pode aparecer na organização, ou apenas colaborando e contribuindo como financeiramente, como a venda de bingos, com os brincantes das danças populares. Além de contribuir nos ensaios das crianças e incentivar as mesmas a participação, inclusive adequando o calendário escolar a essa festas. A participação da escola no processo da construção coletiva da Identidade Étnica quilombola nas festas vem indicando que há um horizonte para construção de uma futura educação escolar quilombola no Matupiri, como exigem as determinações legais para essas comunidades que tem direito a uma Educação escolar com currículo adequado as suas práticas socioculturais e processos históricos.

Palavra-chave: Cultura, Identidade, Educação, Comunidade Quilombola.

INTRODUÇÃO

Ao falar de escravidão negra na Amazônia significa trazer para o presente, através das memórias e relatos, leituras feitas sobre a escravidão negra no Brasil, as trajetórias de vidas daqueles que para ganharem seu espaço de liberdade, tiveram que fugir enfrentando as mais perversas dificuldades, até então a dá origem a formação das comunidades Interétnicas que configuraram os quilombos. Em várias áreas da Amazônia, grupos de fugitivos negros associaram-se aos indígenas, formando dessas comunidades (Gomes & Queiroz, 2003).

Sendo que hoje podemos observar as características do Amazonas, não só das diversidades culturais, mas da mistura de Étnica, aonde os negros, seja fugindo do mundo da escravidão, ou lutando por melhorias de vida no contexto da cabanagem, ou inseridos nos processos socioeconômicos como a economia da borracha, muito contribuíram para essa diversificação dos espaços socioculturais Amazônicos. Essa diversidade social e cultural da Amazônia impressionava

os viajantes europeus, que se referem de forma insistente à variedade de costumes, cores e tipos (Gomes & Queiroz, 2003).

A preocupação do nosso trabalho é analisar as narrativas sobre as diversas maneiras da participação da escola local nas feitura das festas na comunidade remanescente quilombola de Santa Tereza do Matupiri, Barreirinha/AM. Onde se pode perceber a contribuição da escola no processo da construção dessa nova identidade Étnica.

Sendo que estamos finalizando um trabalho dos vários estudos que foram realizados dentro do Grupo de Estudos Históricos do Amazonas (GEHA/UEA/CESP), nessas comunidades remanescentes quilombolas, localizadas no município de Barreirinha-AM. Aonde o tema desse trabalho desenvolvido é “Cultura e Identidade quilombola: análise de narrativas sobre a participação das escolas locais nas festas populares de Santa Tereza do Matupiri, Barreirinha-AM.

As análises foram feitas a partir das narrativas de professores, alunos e serviços gerais da escola Municipal Santa Tereza. Podemos verificar a participação da escola nas feitura das festas. A participação como podemos observar no desenvolvimento do trabalho e nas festas que acontecem no decorrer de (2014/02-2015/01) na comunidade quilombola, varia entres os sujeitos da escola local.

No primeiro momento deste texto, situamos brevemente nossos estudos guiados pelos procedimentos metodológicos da História Oral. Portanto, é a partir do aqui e agora, da chamada realidade ou tempo presente que se propõem em referenciais de algum passado marcante reservados na memória humana, (MEIHY, 2008). Onde utilizamos as técnicas da observação participante, aplicação de questionários e também realizações de entrevistas, (MEIHY, 2002). As festas na comunidade de Santa Tereza indicam como meios de manifestações culturais onde remetem para a construção de uma identidade quilombola. Os velhos e velhas moradores, fazem uso da memória que trazem com sigo experiências de danças como a do Gambá e a da onça te pega, e também como de pássaros como garcinha e o jaçanã, podendo transmitir para os seus descendentes a sua cultura que é uma tradição na comunidade quilombola.

No segundo momento, promoveremos reflexões sobre *Escravidão Negra e Reconhecimento dos novos quilombos na Amazônia*, e o processo de chegada até a formação de comunidades quilombolas. Podendo assim refletir sobre o modo de vida social e cultural, que por muito tempo vieram lutando para terem seu espaço na sociedade. No terceiro momento, dividida em três partes, identificamos a participação da escola nas festas, e a percepção da importante contribuição no processo coletivo, assim como a construção da identidade coletiva quilombola na

comunidade de Santa Tereza do Matupiri, Barreirinha/AM. Fecharemos o nosso texto com as considerações acerca das histórias e das memórias e principalmente as manifestações culturais que remetem ao processo da construção da identidade quilombola, podendo assim contribuir com futuros estudos e que sirva como referência a quem queira estudar nesse ramo de pesquisa em comunidade quilombolas.

PROCEDIMENTOS

Situada no âmbito da História Cultural, este estudo foi pautada procedimentos da História Oral temática, onde as memórias dos sujeitos da escola registradas em áudio, transcritas, textualizadas e analisadas num diálogo com outras fontes, a exemplo de três monografias de conclusão de curso, relatórios e arquivos da escola, e de pesquisa de Iniciação Científica. Há forte participação da escola local nas festas, que varia entre os sujeitos da escola local (alunos – professores – serviços gerais) que remetem para uma construção da Identidade Coletiva quilombola no Matupiri.

Nosso estudo está situado nos procedimentos da História Oral. Pois a “História Oral” é um dos recursos que vem sendo utilizado dentro da história por muitos historiadores nas pesquisas, ela nos dar todos os procedimentos e técnicas assim como nos ajuda a dialogar com outras fontes, articular ideias para entender como pesquisador do local que está sendo pesquisado deve prosseguir sua pesquisa para chegar no em seu principal objetivo.

Pois, para alcançar os principais objetivos desse trabalho utilizei as técnicas como: a observação participante, aplicação de questionário e principalmente as entrevistas guiadas pela História Oral. Para Meihy (2007), a História Oral veio para ficar e traz em sua bagagem nutrientes capazes de provocar questões afeitas à dinâmica da cultura em seus fundamentos teóricos e utilidades práticas.

É através desses procedimentos iremos analisar as histórias de vividas que estão assim guardadas nas memórias dos quilombos, mais velhos da comunidade de Santa Tereza do Matupiri. Sendo que a História Oral nos ajuda a entender os grupos sociais as formas de comportamento assim como as experiências de vividas das pessoas, dando sentido nas suas histórias, assim afirma (RIBEIRO, 2007) que, é preciso ter em mente que a História Oral não produz documento sobre o passado e sim em diálogo com ele, à luz das circunstâncias do tempo presente.

COMUNIDADES REMANESCENTES E A LUTA PELA “NOVA” IDENTIFICAÇÃO ÉTNICA QUILOMBOLA NO RIO ANDIRÁ.

O surgimento das comunidades de quilombolas na Amazônia se deu devido às fugas que existiam a partir do século XIX levando os escravos e es-escravos a formação de comunidades negras rurais no baixo Amazonas. Os negros que por muita luta ganharam seu espaço na sociedade e sua liberdade com a abolição da escravidão, pois que a partir da última década do século XX que passa a identificação das chamadas “terras de preto” que através das lutas das memórias coletivas dos moradores dessas comunidades do Baixo Amazonas, muitos já são reconhecidos como comunidades quilombolas. Mattos (2005) afirma que, A identificação coletiva é processo e construção e só pode ser entendida levando em conta contextos históricos e políticos.

Nos dias atuais os novos quilombos guardam em suas memórias histórias de vidas de seus ancestrais que foram passadas de geração em geração, mas a partir da metade do século XIX, as suas histórias foram marcadas por conflitos e inúmeras experiências vividas em determinados territórios. Sobre isso Mattos (2005, p.107) afirma que:

Há claramente também uma origem remota, fortemente ancorada na formação de camponato constituído por escravos libertos e seus descendentes no contexto da desagregação da escravidão e sua abolição no Brasil, que permite tais grupos reivindicarem-se como comunidades tradicionais e como quilombola.

Pois nas comunidades rurais juntamente com as suas associações criadas em seu meio social nas comunidades quilombolas, exigem também de seus governantes durante os processos de luta não somente a titulação das terras, mas por uma reformulação de projetos pois a fundação palmares foi uma delas, que Dowyer pontua em seu texto, “terra de quilombos” (2007, p.48) que. A agência de governo, como fundação Cultural Palmares, do Ministério da Cultura, e o INCRA, criaram suas próprias diretrizes e procedimentos para o reconhecimento territorial das chamadas comunidades rurais quilombolas. E com essas reformulações das leis as comunidades vieram aos pouco conquistando suas titulações de suas terras, mas mesmo com as posses de suas terras afetavam vários agropecuários assim como os madeireiros próximos.

Os direitos dos quilombos são defendidos por seus representantes perante a Presidência da República, viabilizando que sejam cumpridas os seus direitos e assegurados pela constituição Federal. Um dos pontos que também muda com o reconhecimento dessas comunidades rurais são os “status” dos quilombos por adquirirem seus direitos e uma posição social diferenciada na sociedade Brasileira como afirma Dowyer (2007, p.53). Para fins de nossa análise a etnicidade é conceituada

como um tipo de processo social no qual os grupos orientam suas ações pelo reconhecimento territorial das áreas que ocupam [...], para reivindicar os direitos de uma cidadania diferenciada ao Estado Brasileiro.

A comunidade quilombola de Santa Tereza do Matupiri juntamente com as demais comunidades rurais que ficam localizadas no rio Matupiri no Município de Barreirinha/AM, devido suas batalhas que foram travadas por meio de seus representantes, sendo que atualmente se encontra reconhecida já com o título definitivo como remanescentes de quilombos.

As memórias de origens das comunidades que ficam no rio Andirá em uma cabeceira no lago do Matupiri no Município de Barreirinha/AM estão ligadas as fugas que se davam nas lavouras e nos engenhos e também com a cabanagem (1835-1840), estes através das memórias de seus ancestrais fixam, a partir de suas histórias e a chegada onde hoje seus descendentes se encontram na comunidade de Santa Tereza do Matupiri. Fumes (2003, p.236) afirma que, nas várias narrativas estão à descrição e a constituição dessas comunidades, enquanto forma de resistência ao processo de exclusão, dando um sentido de continuidade à luta pela liberdade empreendida pelos ancestrais.

Assim, relatos feitos através das memórias dos moradores, mais velhos da comunidade de Santa Tereza do Matupiri indicam que a luta por reconhecimento durou dez anos, sendo que somente em 2013 que finalmente foi concluída. Dwyer (2007, p.53) afirmar que:

A partir da Constituição Brasileira de 1988, o termo quilombo, antes do uso quase restrito a historiadores e referido ao nosso passado como nação, adquire uma significação atualizada, ao ser inscrito no artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) para conferir direitos territoriais aos remanescentes de quilombos que estejam ocupando suas terras, sendo-lhes garantida a titulação definitiva pelo Estado Brasileiro

Os moradores da comunidade de Santa Tereza partilham entre si uma mesma história entrelaçadas por vários motivos inclusive a luta por reconhecimento da comunidade quilombola, assim como experiências vividas pelos grupos sociais que existem em Santa Tereza do Matupiri. Uma das lutas que ainda está em processo é a luta por demarcação das terras que pertencem aos descendentes de quilombolas das comunidades, segundo Mattos (2016) diz que [...], a partir de suas realidades atuais marcadas por recorrentes espaços de conflitos por terras e políticas de Estado em seus lugares, criam e acionam e utilizam suas memórias individuais, mas se ligam a um coletivo e acionam um passado comum, ligados a experiências da escravidão no século XIX, por seus bisavós e avós.

Assim podemos afirmar que, apesar de terem enfrentados muitos problemas citados acima, atualmente a comunidade de Santa Tereza do Matupiri, vem cada vez mais se destacando. Sendo que o objetivo deste trabalho não será somente em falar sobre a vinda dos escravos para o Amazonas e as fugas, a formação das comunidades quilombola.

Nosso foco estará também na identificação do papel desempenhado pela escola local, no processo de construção da identidade quilombola. Tal participação sendo analisada por meio de seu envolvimento nas festas, e perceber quais papéis a escola exercem na comunidade, e a verificação de suas posturas diante da educação étnico-racial dos afrodescendentes na comunidade de Santa Tereza do Matupiri Barreirinha-AM.

CULTURA E EDUCAÇÃO: possibilidades de diálogos no processo de identificação étnica no rio Andirá.

Percebemos o início de elementos que apontam uma breve reflexão sobre a identidade étnico-racial está cada vez se manifestando dentro da comunidade de Santa Tereza do Matupiri, Barreirinha/AM. Tendo a escola local como principal instituição que se faz presente nas festas culturais que há na comunidade quilombola.

As festas são os meios que os quilombolas de Santa Tereza encontraram para manifestarem suas culturas e sua identidade, já que a comunidade hoje é reconhecida como comunidade remanescente de quilombos. A escola então vem trabalhando aos poucos no contexto da cultura, através do Boi trinca terra que é uma festa organizada é pela escola local na qual os membros brincantes são professores, alunos e até mesmo os próprios pais dos alunos da comunidade de Santa Tereza do Matupiri.

Identificação das formas da participação da escola nas festas como: na organização, colaborando financeiramente, como brincantes das danças populares.

A partir de nossas vivências e experiências com e em comunidades, é possível afirmar que as escolas nas comunidades rurais do Baixo Amazonas ainda podem observar que se tem um respeito diferenciado por todos, sendo o centro das atividades sociais. É o caso de Santa Tereza. A escola participa durante o ano de todas as festas que ali acontecem seja as festas religiosas de Santo

que se considera os protetores como: de Santa Tereza, a do divino e de São Sebastião padroeiros da comunidade quilombola.

Assim também como as datas comemorativas que marcam no calendário do ano como dia das mães, das crianças e principalmente o dia da consciência negra celebra com brincadeiras jogos de futebol onde disputam prêmios envolvendo outras comunidades rurais, e até mesmo com as danças, mas durante o ano pode se notar determinadas variações com as datas das festas, devido às enchentes que muitas vezes prejudica. Podemos assim observar no relato da professora e moradora na comunidade Janete da Souza Santos:

[...], nos costumamos fazer é na nossa comunidade os dias das mães né (...) os dias dos pais, antes dos dias dos pais que é o mês de junho n, a gente faz quadrilha com as crianças da escola, (...) é festejamos a semana da pátria embora as vezes não tem desfile mas a gente procura fazer algum evento como gincana cultural né, uma manha assim esportiva pras crianças não ficarem muito dispersa né dos acontecimentos que acontecem na comunidade e dentro da escola, e setembro nos também quando não tem algum atrapalho né sobre a enchente no município de barreirinha, a gente costuma fazer a festa do nosso boi que é o trinca terra e ai depois do boi vem a, o mês de outubro ne, a gente também faz com as crianças brincadeiras no dia doze que é o dia das crianças e dia vinte de novembro que é o dia da consciência negra em nossa comunidade e todos os anos a gente faz programação ali e a escola sempre tá presente junto com comunidade. (Janete de Souza Santos é professora e mora na comunidade)

Sendo que desde seus antepassados como salienta Funes (1996) as festas fazem parte do seu cotidiano e também, são meios que os quilombos encontram amenizarem tudo que passaram para ter sua liberdade e sua autonomia e também de manterem a fé e o contato com pessoas que vão às festas para se divertirem e até mesmo para namorarem e de ter sua autonomia.

As festas que analisamos a participação da escola foram identificadas e descritas por Guerreiro, (2014) em quatro modalidades básicas como: **“as danças”**, com destaque para a **“onça te pega”**, a do gambá e o lundum; **“os pássaros”**, com destaque para a garcinha e a jaçanã; **“as festas de santos católicos”** como já foram mencionadas acima são, de Santa Tereza, festa do divino e São Sebastião, e por fim **a festa do Boi Bumba** **“trinca terra”**, que é organizado pela escola da comunidade.

Portando podemos perceber que as festas são os meios que os moradores encontraram para preservar sua cultura que foi deixada por seus ancestrais como os cantos e danças, que estão ligados à natureza e a sua cultura. Funes (1996) em seu texto, **“Nasci nas Matas nunca tive senhor”**, pontua que muitas vezes, valiam-se das festas religiosas, os escravos cultuam seus santos, cantavam e dançavam, o que muitas vezes gerava indignação de padres e **“homens da sociedade”**.

Além dos membros trabalhadores da escola, professores e serviços gerais participam das festas como brincantes como é o caso da maioria principalmente as mulheres, os homens trabalham nas organizações juntamente com os pais de alunos que estão inseridos naquela instituição.

O senhor Jeovan da Silva Pedreno, professor mora na comunidade há dezesseis anos, afirma em seu relato onde podemos perceber o quanto a escola se envolveu nas festas populares e também as maneiras que a escola participa das festas, principalmente a que a escola é responsável todos os anos pela realização desse evento que é que acontecem na comunidade que é o Boi Trinca Terra.

A escola ela é responsável primeiramente pela festividade do boizinho, o boi trinca terra, também ela organiza as festividades as festas juninas que aí entram as danças juninas né, onça te pega quadrilhas a dança do lundum são essas as festividades e algumas feiras também além da feira cultural que é tradicional já na escola, organizada pela escola, mas é uma questão municipal né, mas a gente também organiza brincadeiras pra que os alunos possam manifestar a sua alegria nessas brincadeiras. (Jeovan da Silva Pedreno é professor, tem 43 anos e mora na comunidade há 16 anos)

Nas festas que acontecem na comunidade seu Jeovan da Silva Pedreno menciona acima em seu relato, que as festas servem para manifestarem suas danças que fazem parte da cultura quilombola como a onça te pega e o lundum que é dançada pelos mais velhos guardiões das memórias de seus ancestrais, descendentes de quilombos.

A escola da comunidade participa de acordo com função que é determinada pelo representante da comunidade, pode-se verificar no relato da senhora Janete de Souza Santos, moradora e professora na comunidade diz que todos os professores são participativos das festas como: nas organizações da igreja, com os jovens nos momentos de louvor, assim também como na hora do leilão colaborando financeiramente como é de costume acontecer nas comunidades rurais do Baixo Amazonas e não é diferente em Santa Tereza do Matupiri.

[...], todos os professores são bem participativos né além de ser participativos eles são contribuintes também porque a gente vê na nossa comunidade que se a escola não fizer nada, nada tem na comunidade porque as outras, as outras entidades elas não se, é procuram fazer nada né eles esperam tudo da escola e quando a gente não faz nada aí não tem nada. (Janete de Souza Santos é professora e mora na comunidade)

A feira cultural que o senhor Jeovan da Silva Pedreno menciona é uma festa que acontece todos os anos na escola Municipal Santa Tereza no dia nacional da consciência Negra no Brasil. Essa festa é organizada pela escola onde tem como principal objetivo valorizar a cultura do povo Barreirinhense, promovendo interação entre escola e comunidade, e fazendo com que os alunos mostrem também suas criatividade, assim afirma em seu relato à senhora Eronilda Viana Nunes,

professora tem 38 anos onde trabalha no momento como técnica pedagógica do Município de Barreirinha- AM.

[...], Intenção do projeto da feira é fazer com que as comunidades divulguem, as escolas divulguem né as histórias do município, as histórias de sua comunidade, as tradições das comunidades. Resgatar né as histórias do povo barreirinhense, e suas tradições, manifestações culturais e o surgimento de cada um dos distritos [...].
(Eronilda Viana Nunes, professora tem 38 anos)

Pois nesse primeiro momento das análises dos relatos de professores e comunitários da comunidade quilombola, podendo perceber que à escola é participativa tanto nas festas religiosas como nas festas culturais que há na comunidade quilombola de Santa Tereza do Matupiri.

E a partir dos relatos dos membros no processo de pesquisa como observação participante e entrevistas podemos assim afirmar que a escola está contribuindo aparte dessas festas para a construção da identidade quilombola em Santa Tereza.

A participação da escola apresenta elementos específicos que remetem para uma construção da identidade coletivo quilombola

A escola como se pode verificar está presente em todos os eventos que acontecem durante o ano na comunidade quilombola Santa Tereza do Matupiri. A mesma participa apresentando elementos que contribuem para a construção da identidade quilombola.

Podemos averiguar essa participação da escola que está aos poucos buscando trazer para seus alunos e também para os comunitários apresentar elementos que faz com que os remanescentes por suas próprias atitudes se identifiquem como quilombola.

As festas ali servem não só para apresentações das danças, mas servem para ganhar dinheiro com vendas de guloseimas e frutas que são retiradas da região, podemos então observar nas (Fig. 08, 09, 10) das barracas na feira cultural. Para Funes (2003) as festas, são aspectos como esses, permitindo uma “vida tranquila”, que fazem com que no imaginário dos descendentes, o mocambo pareça uma “terra sem males”, a “cidade Maravilha”. Designações dos antigos mocambos do rio Trombeta, Curuá, Prepicuru para onde fugiam escravos e escravas para constituir comunidades inter-étnicas, marcadas por mortes de vidas e sociabilidades próprias.

Nas festas religiosas, por exemplo, os comunitários utilizam o espaço festivo para manifestarem suas danças coletivamente onde professores e alunos se tornam brincantes que atualizam a memória coletiva do quilombo. Os descendentes assumem o cargo de protetor ou dono do Santo, uma prática iniciada geralmente por avós ou bisavós, dando continuidade a essas práticas

culturais afirma Funes (2003). Sendo que as festas são feitas coletivamente entre todos comunitários em Santa Tereza do Matupiri, assim relata o senhor Roberto Belém de Souza, que:

[...] a comunidade inteira, tudo o povo da comunidade participam de todo o movimento, faz festa religiosa como festas, festas juninas e outros movimentos particulares a comunidade tá, festas esportivas tudo é a comunidade se envolve, é envolvido todo mundo e não fica ninguém de fora, tudo mundo colabora, é por isso que nós estamos com uma festinha ai todo mundo tá ajudando, um da um bocadinho daqui outra da um bocadinho dali, todo mundo aparece no lá no final da festa no relatório tá o nome do , quem não (...), mas quem colabora tá contribuindo o nome vai na lista, na nossa festa todo mundo colabora, um pouquinho”.(Roberto Belém de Souza, 59 anos, agricultor, mora na comunidade desde seu nascimento).

Outro fator que podemos identificar é que para eles na comunidade de Santa Tereza já se auto identificam como remanescentes de quilombos, assim podemos observar no relato do senhor Jeovan da Silva Pedreno se auto identifica e se orgulha disso.

Pra mim ser quilombola é uma honra muito grande né porque a gente verifica que na história os escravos os antecedentes dessas pessoas que hoje vivem aqui foram pessoas que contribuíram muito para a construção do nosso Brasil e a gente também hoje se orgulha disso né de a gente ser descendente dessas pessoas que contribuíram e hoje também estamos contribuindo pra isso. Então é um orgulho muito grande pra gente ser dessa raça né e a gente poder contribuir também pra melhoria não só da nossa comunidade, mas também do brasil do município em fim. (Jeovan da Silva Pedreno, professor tem 43 anos e mora na comunidade)

Pois nos relatos de professores e alunos nota-se essa preocupação de saber, o que é ser realmente quilombola? Já Sendo que muitos alunos quando saem para continuar seus estudos ou até mesmo quando vão jogar bola em outras comunidades, “costumam ouvir certas gracinha”, e até mesmo a serem discriminados, hoje em dia como alguns já entendem um pouco do reconhecimento de serem quilombolas, até dizem que eles são federais como relata abaixo à senhora Janete, sendo que no artigo 68 com o reconhecimento das comunidades quilombolas, referidos a uma afirmação positiva dos estereótipos de uma identidade étnica e racial, para reivindicar seus direitos de uma cidadania diferenciada ao Estado Brasileiro, (DWYER, 2007).

Eu dou aula pra criança de segundo ano que tem idade de oito anos eu converso com eles, eles dizem assim que pra eles foi bom, porque numa parte eles foram ficaram mais respeitados que antes eles erram muito discriminados quando saiu às vezes pra jogar bola quando saíam pra estudar, eles erram assim olhado com um olhar tão diferente né como se eles não fossem pessoas como qualquer uma outras né! E hoje depois desse reconhecimento em todos os lugares que eles estão, eles são reconhecidos como quilombolas e às vezes não sei se por gracinha ou porque acharão bonito né tem pessoas que ainda falam né ah fulano é quilombola fulano é isso fulano é aquilo né! Os dizem que são federal ai dizem ainda não somos federais ainda, mas um dia vamos ser né. (Janete de Souza Santos é professora e mora na comunidade).

Podemos verificar que a Escola tem uma preocupação com a educação das crianças quilombolas, sendo que os mesmos devem saber sua origem e seus direitos, para que possa saber lhe dá, com certas gracinhas que muitas vezes eles ouvem quando saem, para outras comunidades, como se observa acima no relato de dona Janete de Souza Santos. Sendo que o papel da escola é orientar os diversos grupos sobre o ser quilombola. Dowyer (2007) afirma que, ao determinar a indivíduos e grupos seu lugar no universo social, pretende revelar suas identidades, até por eles próprios “desconhecidas”.

Assim, notamos que com reconhecimento da comunidade como quilombolas já se tem, mais um respeito. Mas falando sobre a questão da educação se nota também nos relatos de dona Eronilda Viana Nunes funcionária na Secretaria Municipal de Educação de Barreirinha (SEMED) que ela não se sentiu à vontade para responder sobre essa questão relacionada à educação Afro-Brasileira.

Olha sobre essa questão ai eu não vou responder, eu não vou responder porque assim, eu não faço parte na questão de, de tipo de participar lá na da escola é nos não somos muito de tá na escola é... De tá observando ate mesmo fazendo a supervisão nessa questão ai de como eles trabalham né, então eu prefiro não... Não dá informação. (Eronilda Viana Nunes, professora tem 38 anos)

Então com isso já se nota que é preciso ser integrada à Educação Cultura Afro-Brasileira no plano pedagógico nas escolas do Município de Barreirinha principalmente em Santa Tereza do Matupiri, a fim de atender a Legislação Federal que torna obrigatório o Ensino da História e Cultura Afro-brasileira (Lei, 10.639/03), um horizonte a ser perseguido e conquistado na comunidade quilombola do Matupiri.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo identificar as diversas maneiras da participação da escola local nas feitura das festas e principalmente verificar como isso veio a contribuir no processo da construção da identidade quilombola na comunidade de Santa Tereza do Matupiri. Foi possível conhecer o espaço social dos quilombolas e as tradições e cultura que emergem nas festas através das memórias onde se pode ser passada de geração a geração. Sendo que a escola é uma instituição que podemos notar a participação intensamente nas organizações das festas cultural e religiosas. A educação Cultura Afro-Brasileira, pode-se notar que ainda precisa ser inserida no plano pedagógico não só da escola da comunidade, mas em todas do município de Barreirinha/AM. Pois a educação Afro-Brasileira é importante para possa ser ensinada de forma adequada com a Lei

10.639/03. Isso pode perceber que ainda está á desejar na Escola Municipal de Santa Tereza do Matupiri.

As festas como mencionamos no desenvolvimento do trabalho são os meios em que os quilombolas ganham seus espaços e passam por transformações, assim como a escola contribui coletivamente ajudando nos trabalhos, os professores também participam das brincadeiras, nas danças e até mesmo na hora do lazer que se nota na comunidade que é o esporte onde homens e mulheres e crianças disputam prêmios.

REFERÊNCIA

ANDRADE, Lúcia Mendonça Morato de. **Comissão Pró-Índio de São Paulo - 1ª Edição**, São Paulo, outubro de 2011.

CAMPOS, Sabrina Coelho, **Memória e luta: narrativas dos remanescentes de quilombos de Santa Teresa do Matupiri**, São Pedro e Trindade. Monografia. UEA. Parintins. 2010.

CAVALCANTE, Ygor O. R. “**Fugindo, ainda que sem motivos**”: escravidão, liberdade e fugas escravas no Amazonas Imperial, In: SAMPAIO, Patrícia M.(Org.). **O fim do silêncio – presença negra na Amazônia**. Belém: Açaí/CNPq, 2011. p. 298.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DWYER, Eliane Cantarino O. **Terras de quilombos: identidade étnica e os caminhos do reconhecimento**. 2007

FUNES, Eurípedes. **Mocambos do Trombetas: memória e Etnicidade (séculos XIX e XX)**.In: Gomes, Flávio & Del Priore, Mary (Orgs). **Os Senhores dos rios – Amazônia, Margens e Histórias**. Elsevier Ed. São Paulo, 2003.

FUNES, Eurípedes. **Nasci nas Matas, nunca tive senhor**. História e memória dos mocambos do Baixo Amazonas. Tese de doutoramento de História da FFLCH/USP, São Paulo, 1995.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom & HOLANDA, Fabiola. **Historia Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo, Contexto, 2011.

MOURÃO, Antônio Tadeu Carvalho. “**Agora somos quilombolas**”: a luta da comunidade de santa Tereza do Matupiri, pelo reconhecimento como comunidade remanescente de quilombo. Monografia de conclusão de curso. História UEA, Parintins, 2010.

POLLAK, Michael. MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, 1992.

SAMPAIO, Patrícia M.(Org.). **O fim do silêncio – presença negra na Amazônia**. Belém: Açaí/CNPq, 2011.

SILVA, Adriana Gomes da . **A reconstituição do universo identitaria dos remanescentes de quilombolas da comunidade de santa Tereza do Matupiri, através da memória coletiva e relatos orais**. Monografia. UEA. Parintins. 2010.